

EXTINÇÃO, CONSERVAÇÃO E SOBREVIVÊNCIA¹

António M. de Frias Martins

Sociedade "Afonso Chaves", Ap.º 258,
PT-9503 Ponta Delgada, São Miguel, Açores, PortugalDepartamento de Biologia, Universidade dos Açores,
PT-9502 Ponta Delgada, São Miguel, Açores, Portugal

A essência do espírito humano espelha-se na magia dos olhos, projecta-se na profundidade da visão e esconde no seu âmago a dinâmica da dialética e a insensatez do paradoxo. Tão infinito como os horizontes que alcança, é ao mesmo tempo tão delicado que a mínima poeira o incomoda, tão dependente que a imponderável névoa o limita, tão vulnerável que o negro da escuridão o assusta. E, no entanto, é tão rebelde que, quando os olhos falham a engenhosidade da invenção socorre os sentidos, e onde a visão sucumbe a interiorização da mente constrói o significado. Novidade misteriosa da Evolução, por si mesmo se colocou no topo de uma pirâmide de perfeição, proclamando o seu domínio incontestável sobre os animais da terra, os peixes do mar e as aves do céu. No seu narcisismo de rebento serôdio, arrogou-se igualmente o privilégio de centro da criação, fazendo girar à sua mercê o princípio das coisas, a disponibilização do presente e a justificação do futuro. Semi-alheio aos gemidos de uma Natureza por ele ferida, prosse-

gue em sua marcha triunfal através da Vida, com os olhos postos num destino de gloriosa fluidez e os pés assentes no ôco da auto-destruição.

O milagre da Vida apareceu a meio caminho da conturbada existência do nosso planeta. A Terra nasceu do rodopio vertiginoso que há uns quatro mil e quinhentos milhões de anos aglutinou etérea poeira estelar. O movimento de rotação primeiro deu-lhe corpo fluido e incandescente, depois consistência e aridez. A sua superfície, castigada pela radiação impiedosa do sol, foi cadinho gigantesco onde a alquimia primitiva experimentou inúmeras combinações. E assim, há uns dois mil e quinhentos milhões de anos os átomos de oxigénio, hidrogénio e azoto uniram-se aos de carbono, abrindo caminho para a saída do inanimado. Impelida pela força imparável da Evolução, a delicada e imperceptível semente da vida quebrou as cadeias da expressão molecular e irrompeu em árvore gigantesca de um arco-íris de flores e cornucópia de frutos.

¹ Palestra proferida quando da apresentação das actas do II Workshop Internacional de Malacologia e Biologia Marinha, Vila Franca do Campo, São Miguel, a 27-06-1995.

Se o acontecimento da vida se esconde sob o véu da acção de forças extremas, o caminho por ela trilhado até aos nossos dias não foi menos pacífico. Por cinco vezes a destruição generalizada e a morte reinaram sobre a terra, levando a vida às portas da extinção. Os fósseis contam-nos a história. A primeira de que há registo aconteceu durante o Ordovícico, há uns 440 milhões de anos; seguiram-se-lhe a crise do Devónico (365 milhões de anos), a do Pérmico (245 milhões de anos) durante a qual mais de metade das famílias, ou seja, mais de 90% das espécies da fauna marinha desapareceu, deixando de estar representada na camada fóssil do Triássico (210 milhões de anos), que se lhe seguiu, e a do Cretácico que, há 66 milhões de anos para sempre varreu da terra os poderosos dinossáurios. Juntando a tais catástrofes globais, causadas pela queda de meteoritos ou por desconhecidas erupções vulcânicas, outras mais localizadas e o desaparecimento relativamente lento das espécies devido precisamente à evolução que as criou, hoje vivem na terra apenas 5% de todas as espécies que já existiram (Jablonski, 1993). Os xistos de Burgess revelam faunas extravagantes do Paleozóico, totalmente desarticuladas do arranjo taxonómico que conhecemos hoje, exemplificando, em nossas mentes, limitadas pela exiguidade dos parâmetros temporais em que nos movemos, caminhos abortados nas experimentações da Vida (Gould, 1989).

Os nossos dias têm vindo a ser alarmados com o aviso de outra catástrofe iminente. Desta vez não é causada por vulcões ou por meteoritos que alteram dramaticamente o clima, mas sim pelo próprio homem. Uma ameaça múltipla, sub-reptícia, causada pela aparente insignificância de uma árvore a cair, de uma gota de óleo a se estender no mar, de uma baforada de CFC lançada a caminho do ozono. E porque a morte da árvore é necessária, a gota de óleo imprescindível e o desodorizante conveniente, parece-nos inevitável a rota que a civilização nos traçou. E porque a árvore cai no Brasil, o óleo se espalha no Golfo Pérsico e o desodorizante não passa de uma insignificância, o perigo dissipa-se na inconsciência da distância e a solução dilui-se na irresponsabilidade da multidão. A luta pela sobrevivência de uma Humanidade que cresce exponencialmente, a busca contínua de melhoria de nível de vida, ou simplesmente a rotina adormecedora do quotidiano, raptaram-nos da biosfera que nos envolve e sustenta, e embotaram-nos os sentidos para o que se passa à nossa volta. Olhamos a Natureza como "o outro lado", donde apenas é necessário tirar mais e melhor. E, se alguém se atreve a fazer qualquer reparo, apontam-se-nos os olhos de fome de mundos de terceira ordem, ou os rostos de miséria das esquinas de ruas e praças. Nem que fossem estes os causadores da destruição ou os beneficiários dela!

A vida do homem, como toda a vida na terra, nutre-se da morte e cresce da destruição. A violência parece ser o estigma da Natureza. É necessário destruir para se sobreviver ou, em linguagem mais paliativa, importa "transformar" a Natureza para assegurar um sustento continuado. Desde tempos imemoriais, onde quer que o Homem põs pé, trouxe consigo o sinete da destruição. A extinção dos grandes mamíferos na América do Norte coincidiu com a chegada dos caçadores Paleo-índios e com o fim do último ciclo glacial; os mamutes, porém, haviam resistido aos 22 ciclos glaciais anteriores e, aparentemente, o factor humano constituiu o elemento novo que fez acontecer a extinção. Do mesmo modo se verificou o desaparecimento das moas, enormes aves corredoras pesando cerca de 250 kg, e de outras aves não voadoras, após a chegada dos Maoris à Nova Zelândia; ou a extinção da *Aepyornis maximus*, gigantesca ave malgache de 3 metros de altura, cujos ovos eram do tamanho de bolas de futebol; ou ainda a destruição, pelos aborígenes Australianos, de leões marsupiais e cangurus de 2,5 metros (Wilson, 1993). Estas peculiaridades zoológicas não são mais do que imagens de frontispício do livro negro da destruição que regista a passagem da espécie humana. O século XX tem vindo a assistir a um ritmo de extinção alucinante; este efeito de "bola de neve", que cresce à medida que avança e mais avança quanto mais cresce, assume proporções catastróficas. O exemplo mais gritante

provém do declínio das florestas tropicais, verdadeiros tesouros de biodiversidade. Mais de dois terços das espécies que hoje existem, vivem nas florestas tropicais. Estas "selvas impenetráveis", onde a ficção do século passado buscava "paraísos perdidos", diminuíram em área para menos de metade do que eram em tempos pre-históricos, e continuam a desaparecer numa área equivalente à de um campo de futebol por segundo. E com elas, todo um riquíssimo e complexo ecossistema, de tal modo que estimativas apontam para que em cada ano se extingam 27.000 espécies de seres vivos, ou seja, 74 em cada dia, 3 por cada hora. O que antes levava milhões de anos a acontecer, foi agora acelerado pela actividade humana para um ritmo entre 1.000 a 10.000 vezes superior, ombreando assim com qualquer das grandes crises de extinção da história da Vida (Wilson, 1988; Dorozynski, 1993).

Na perspectiva lúgubre da co-extinção, a consciência humana começou a reagir. Os estudiosos da Natureza viram o seu clamor atendido, e os governantes mexeram-se em suas secretárias dando indícios de se preocupar com o mundo não humano. A nível planetário movem-se influências, integram-se projectos, planeiam-se estratégias de acção. Os meios de comunicação falam da preservação de baleias e de golfinhos, da ameaça do efeito de estufa e do buraco do ozono, da destruição pela chuva ácida e pela poluição radioactiva, do sufoco do "smog" citadino e da acumulação de lixos. No entanto, enga-

nadoramente, a mediatez do perigo esbate a sua acuidade, a distância do acontecimento distrai-nos de agir e a magnitude do problema esvazia-nos de responsabilidade.

Os Açores não possuem florestas tropicais nem em suas montanhas caem chuvas ácidas; já não se caçam os cachalotes e os golfinhos saltam livres no oceano azul; a terra é verde e o priolo lá vai resistindo; temos Natureza para dar e vender nos desfiladeiros da Tronqueira e nas alturas do Pico. No entanto, lagoas saturam de nutrientes e caminham para a morte, a extracção de leiva e o manto unicolor da pastagem ressecam o Arquipélago, a Natureza original descaracteriza-se e definha, afogada por um rôr de invasores. Um passeio pela "paisagem lunar" da Serra Devassa (nome assustadoramente profético), mesmo beirando a lendária Lagoa das Sete Cidades, deveria abrir-nos os olhos para o perigo da extracção incontrolada das leivas; tal devassidão acontece agora já no coração da Lagoa do Fogo, ferindo uma paisagem apelidada de "selvagem". O enganador verde tenro das pastagens generalizadas, algumas em lugares afrontosos para a sensatez de uma exploração rentosa, lentamente suga a terra da água vivificante. Quem viaje de Santa Cruz para Ponta Delgada, na maravilhosa ilha das Flores, pode experimentar a verdade do que aqui se afirma. O verde lacrimoso do esfagno — o musgão das leivas — aprisiona a água das chuvas e fá-la descer a conta gotas para o solo; a água abunda e a Natureza é pródiga. Por

outro lado, o emaranhado de raízes da pastagem favorece a escorrência imediata, perdendo-se para o oceano a maior parte da água das chuvas. E, lentamente, o ecossistema se modifica. Coube-me a infeliz oportunidade de assistir a uma etapa desse fenómeno silencioso, quase imperceptível que é a morte de um ecossistema. Em 1991, em visita esporádica à Ilha do Pico, à borda da estrada na zona do Corre-Água, por entre cedros-do-mato e trovisco-macho, dei por acaso com uma excelente comunidade malacológica que incluía espécies novas para a ciência (Martins, 1992). Dois anos mais tarde, porém, em vão procurei aqueles moluscos endémicos. Em seu lugar proliferava agora um zonítideo (*Aegopinella nitidula*) proveniente do continente Europeu. Os cedros-do-mato e o trovisco-macho lá continuavam, num aparente testemunho de saúde ecológica, mas o emaranhado de silvas que bordava a estrada era bem indício de mudança grave. À volta daquele enclave endémico, a pastagem de há anos drenava o terreno; era apenas uma questão de tempo para que o inevitável acontecesse — e aconteceu como que de um momento para o outro. Não posso deixar de pensar quantas dessas "bombas-relógio" foram lançadas em terras Açorianas!

O mundo vivo dos Açores guarda ainda muitas surpresas científicas, que o interesse dos especialistas a pouco e pouco desvenda; o Arquipélago é bem um laboratório vivo, um paraíso para os cientistas. Mas a realidade mais premente impõe que

ele seja, antes de mais, um lugar de vida feliz para pouco mais de 200 mil Açorianos. E essa felicidade não poderá acontecer à custa da destruição sistemática ou descaracterização daquilo que nos individualiza e que muitos invejam. Será a familiaridade com o mundo que nos rodeia e o conhecimento profundo das potencialidades que nos oferece que nos levará a preservá-lo. É preciso ensiná-lo nas escolas e dizê-lo em público; importa convencer governantes e informar as populações. As palavras de um dos maiores cientistas da actualidade, E.O. Wilson, calam neste espaço bem melhor que as minhas, pelo que ousou transcrevê-las: "*Destrução é anátema para os conservacionistas, mas permanece o facto que a maioria das pessoas, por ignorância, vê-a como perfeitamente aceitável. De algum modo é necessário introduzir conhecimento e razão. Estou disposto a apostar que a familiaridade salvará os ecossistemas, porque os valores bioeconómicos e estéticos aumentam na medida em que cada espécie constituinte é, por sua vez, examinada — e do mesmo modo crescerá o sentimento a favor da preservação. O procedimento mais sábio será para a lei atrase, a ciência avalie e a familiaridade preserve. Implícito no comportamento humano, há um princípio importante para a conservação: quanto melhor um ecossistema for conhecido, tanto menores serão as possibilidades de que seja destruído. Como afirmou o conservacionista Senegales, "No fim, conservaremos só o que*

amarmos, amaremos só o que compreendermos, compreenderemos só o que nos ensinarem" (Wilson, 1993).

As vicissitudes por que a Vida tem passado atestam claramente a sua tenacidade e testemunham a força interna que a caracteriza. A Vida, de facto, veio para ficar. Suspirar de alívio perante esta certeza e minimizar o problema de destruição global que a humanidade enfrenta, mostra falta de visão e confrangedora superficialidade. A Vida ressurgiu das cinzas das cinco grandes crises que a ameaçaram no passado e mostra-se nos nossos dias gloriosa como sempre. Mas foram necessários milhões de anos para que tal acontecesse, de facto, 100 milhões quando da grande crise conjunta Pérmico-Triássica. No caso de extinção global, as baratas e os escaravelhos terão muitíssimas mais hipóteses de sobrevivência do que a espécie humana. Pode muito bem acontecer que, se ignorarmos o aviso que do mundo da ciência nos chega, os seres que sobreviverem e evoluírem para de novo conquistar uma terra vazia, daqui a muitos milhões de anos, se maravilhem perante os fósseis de estranhos seres bípedes, de enorme capacidade craniana, preservados nos xistos de um novo Burgess. E neles jazerão, aprisionados e cristalizados, o infinito dos sonhos e a profundidade do pensamento duma espécie que em sua imaginação conquistou as estrelas e em sua mente dominou o universo, mas que, na realidade, não conseguiu encontrar a fórmula para a sua própria sobrevivência.

BIBLIOGRAFIA CITADA

- DOROZYNSKI, A., 1993. 50000 espèces en moins chaque année. *Science & Vie*, 908: 88-94.
- GOULD, S.J., 1989. *Wonderful life. The Burgess Shale and the nature of history*, 391 pp. (Tradução para Português). Editora Schwarcz Ltda., São Paulo.
- JABLONSKY, D., 1993. Mass extinctions: New answers, new questions. In: KAUFMAN, L., & K. MALLORY (Eds.), *The last extinction*, pp. 47-68 (2nd edition). MIT Press, Cambridge, Massachusetts.
- MARTINS, A.M.F., 1992. Moluscos terrestres: Açorianíssimos entre os açorianos. *Açorianíssima*, 6: 96-98.
- RAY, G.C., 1988. Ecological diversity in coastal zones and oceans. In: WILSON, E.O. (Ed.), *Biodiversity*, pp. 36-50. National Academy Press, Washington.
- WILSON, E.O., 1988. The current state of biological diversity. In: WILSON, E.O. (Ed.), *Biodiversity*, pp. 3-18. National Academy Press, Washington.
- WILSON, E.O., 1993. *The Diversity of Life*, 424 pp. W.W. Norton & Company, New York.